

Moacyr Scliar tinha uma visão bastante clara sobre a arte de contar e ouvir histórias. “Ela é fundamental para os seres humanos; parte de nosso genoma”, dizia o escritor, ao revelar seu fascínio por essa tradição milenar.

Moacyr Scliar não foi apenas um. Foi muitos. Um homem de múltiplos talentos, que soube traduzir em palavras o rico universo de culturas e influências que tanto marcaram sua trajetória de vida. As referências vão da Bessarábia ao Bom Fim, da medicina à literatura, de Kafka a Monteiro Lobato. Todas serviram de base para a construção de uma identidade singular em sua obra. Nela, combinam-se as raízes judaicas e gaúchas, fábulas, realismo fantástico e uma imaginação das mais férteis, exposta em mais de 80 livros e milhares de crônicas e artigos.

Moacyr, porém, não tinha simpatia pelo rótulo “profissão: escritor”. No fundo, gostava de pensar em si mesmo como um contador de histórias. E que belas histórias! Tinha um talento especial para fisgar o leitor, com texto apurado e paixão incomum pela narrativa. Seus personagens compunham um mosaico de tipos fascinantes: Guedali, o centauro, Joel em guerra no Bom Fim, Rafael Mendes e sua estranha nação, a mulher que escreveu a Bíblia, Max na traineira com o felino, Raquel e seus deuses, o Capitão Birobidjan e tantos outros.

Essas características tornaram sua obra universal, sem jamais abandonar as origens judaicas e gaúchas.

Nascido em Porto Alegre, em 1937, no Bairro Bom Fim, reduto de imigrantes judeus, ele absorveu plenamente o seu lugar e as suas influências culturais.

Influenciado por tradições ancestrais como a narrativa oral e a parábola bíblica, ele se aprofundou na temática judaica. Para Moacyr, o judeu escreve porque busca entender sua complexa condição existencial e sua relação controversa com o mundo. Ao falar de imigrantes, perseguidos e rejeitados, ele falava de toda a humanidade. O autor – ele próprio filho de imigrantes – entendeu que a tradição e o patrimônio cultural judaico manifestam-se pelo contraditório, o que gera invariavelmente situações de humor. Daí a presença constante em sua obra do humor amargo, da auto-ironia, típicos da literatura judaica.

Desde muito cedo, Moacyr teve uma intensa vivência comunitária: ouvia ídiche, comia pratos da culinária judaica e, sobretudo, teve uma mãe judia “daquelas de livro, superprotetora e alimentadora”. Essas referências foram traduzidas em forma de contos, romances e crônicas, transformando-se em matéria prima para seu diálogo com o mundo.

Traduzido para mais de dez idiomas, adaptado para o teatro e para o cinema, estudado nas universidades e nas escolas fundamentais, vencedor de três prêmios Jabuti e de um prêmio Casa de Las Americas, Moacyr Scliar, além de colocar sua cidade e seu bairro no mapa da literatura universal, construiu uma visão de mundo a ser compartilhada em qualquer cidade, em qualquer bairro, de qualquer país.

No trato pessoal, Moacyr era um homem afável, sagaz, bem-humorado. Apesar do reconhecimento internacional, dos inúmeros prêmios e viagens, uma de suas características marcantes era a simplicidade. Ele nunca deixou de ser o “Mico” do Bom Fim, o homem

dadivoso que gostava de escutar o próximo, dividir suas incertezas e inquietudes. E, sobretudo, um grande incentivador de novos talentos na literatura.

E o marido? Impossível falar dele sem me emocionar. Tive a sorte e a felicidade de conviver com o Moacyr durante 47 anos, sendo dois de namoro e 45 de casamento. A nossa relação era feita de parceria e cumplicidade, inclusive nas questões de trabalho. Acompanhei de perto a sua evolução como médico e escritor. Na qualidade de primeira leitora de seus livros, testemunhei momentos de intensa criação e profusão de ideias. De “Carnaval dos Animais” até “Eu vos Abraço, Milhões”, escrever era para ele sempre uma fonte de encantamento, jamais uma obrigação.

Moacyr também foi um pai carinhoso e dedicado. O Beto teve nele um grande exemplo de vida. Além da admiração e do respeito mútuo, Beto participou intensamente da carreira literária dele. Como fotógrafo, documentou momentos importantes na trajetória de Moacyr. Juntos, estamos fazendo o melhor que podemos para honrar e dignificar a sua memória. Essa é uma chama que nunca se apaga.

Eu gostaria de citar uma definição do próprio Moacyr a respeito de seu ofício: “A história é feita de palavras. Palavras são fundamentais para quem escreve, como a madeira, a serra, o martelo, os pregos, para o marceneiro. Contar uma história é estabelecer vínculos afetivos entre as pessoas. Para isto servem as palavras, para estabelecer laços entre pessoas – e para criar beleza. Pelo que a elas devemos ser eternamente gratos”.

Como gratos somos pela vida, sobretudo ao saborear um texto escrito com as batidas do coração. Ler Moacyr Scliar é aprender, de forma inteligente e sensível, o que é viver.

- Judith Scliar